

Mocidade Cristã

Ano XIX

Abri a Junho de 1957

Número 75

Nossos Hinos

Há dois hinos inglêses traduzidos para o português, cujos originais foram escritos sob circunstâncias tristes para os autores. Um foi escrito há 110 anos por Henrique Francisco Lyte, vigário na Igreja Anglicana, da vila de Brixham, que é à beira-mar no sul da Inglaterra. Há duas traduções, um sendo número 481 em Hinos e Canticos, escrito por Sr. Eduardo Moreira, e o outro é número 222 em Salmos e Hinos, ou 291 em Cantor Cristão, traduzido por Dr. J. S. Rocha. E' métrica 10,10,10,10 e há várias musicas, mas a mais comum é «EVENTIDE» (Crepúsculo) dada nos três livros mencionados. A primeira linha é: «Comigo fica, trevas em redor avançam com tristeza e solidão».

O autor, Henrique Francisco Lyte era um dedicado servo de Deus e amado pelos amigos e por sua congregação, que continha muitos pescadores. Ele não gozava de robusta saúde e, em 1847, o médico receitou-lhe uma visita ao sul da França, durante o inverno, onde o clima é mais brando.

No Domingo, antes de partir, pregou seu último sermão e, depois, despediu-se dos seus amigos. Foi então para um último passeio e viu o pôr do sol atrás do môrro de Dartmoor, que desaparecia em resplendor. Fêz Sr Lyte pensar da sua vida que em pouco tempo ia findar. Voltou à casa, e, antes de deitar-se, escreveu o hino «Comigo fica», que é também uma oração baseada no convite dos dois discípulos que acompanharam o Senhor Jesus, ressuscitado, a Emaús.

O dia depois, partiu para Nice, no Sul da França, mas já «declinou o dia» e em poucas semanas Sr. Lyte faleceu.

O hino tornou-se popular. Era favorito do Rei Jorge V da Inglaterra. Quando o General Allenby entrou em Jerusalém em 1918 e a vitória foi celebrada, cantaram êste hino.

Em 1915, durante a primeira Grande Guerra, uma heróica enfermeira inglesa, Edith Cavell, por ter ajudado soldados ingleses a escapar da Bélgica, foi condenada pelos Alemães a ser fuzilada (apesar do fato que ela tratara, também, muitos dos soldados feridos alemães). Na véspera da morte, o capelão inglês visitou-a na cadeia e, depois de ler a Palavra de Deus, e fazer oração, cantaram juntos êste hino «Comigo fica». Ao despedir-se do capelão, ela disse, sorrindo: «Adeus, encontraremos outra vez na luz dos céus, quando tiverem fugido as sombras da terra» (palavras do hino). Poucas horas depois, encontrou sua morte com coragem.

Hinos e Canticos 410

Este hino foi traduzido pelo Sr. P. Ellis do original escrito por Dr. Jorge Matheson. Há outro hino (H&C 563) baseado na primeira estrofe do original na mesma métrica. O número 410 por Sr. Ellis, porém, é mais literal e retém mais do espírito da poesia do original.

O hino foi escrito em inglês por Dr. Matheson. Quando ainda moço, sua vista ia-se enfraquecendo e achou-se condenado a ser cego. O progresso de seus estudos parecia ser estorvado. Recebendo esta notícia, seu

«amor» (noiva) «largou-o». Sentindo-se muito triste, escreveu êste hino em poucos minutos: «Amor que não me largas nunca». O hino pode ser descrito com um «triunfo da graça». A música é chamada «St. Margaret» (Santa Margarida). Dr. Matheson, embora cego, tornou-se um célebre pregador da Igreja Presbiteriana da Escócia. Outro da sua pena foi traduzido por Eduardo Moreira. É número 479 em Hinos e Cânticos: «Cativa-me, Senhor, p'ra livre eu ser então».

—

Personagens Históricas do Novo Testamento.

Poncio Pilatos

Durante o governo de Archelau (Mat. 2:22), na Judéia, havia tantas desordens e êle praticou tantas crueldades, que César chamou-o a Roma e então baniu-o para o sul da França. Foi resolvido governar Judéia por meio de procuradores romanos, nomeados pelo imperador. Os primeiros cinco governadores seguiram uns aos outros rapidamente. No ano A.D. 26 Poncio Pilatos foi nomeado procurador. Ele mudou sua residência de Cesárea, onde os primeiros governadores moraram, para Jerusalém, a fim de ficar mais no centro das desordens. Levou seus soldados romanos, trazendo suas insígnias, que os Judeus consideravam como ídolos. Uma grande multidão foi ao palácio de Pilatos, implorando-o a retirar êsses emblemas. Ele recusou, mas o povo continuou implorando o governador, até que êle mandou seus soldados cercá-los e ameaçou matar o povo. A multidão deitou-se, dizendo que preferia morrer. Pilatos ficou tão impressionado com sua devoção às suas leis, que mandou os soldados

tirar as insígnias. Depois o governador construiu um aqueduto para trazer mais água à cidade de muito longe, e empregou o dinheiro do templo, chamado Corban, para pagar a despesa. O povo revoltou-se contra isto, e Pilatos mandou seus soldados misturar-se com a multidão e matar todos que procuravam impedir o trabalho. Muitos judeus assim foram mortos. Supriu outras revoltas com crueldade. Sabemos como êle injustamente condenou o Senhor Jesus para ser crucificado. Tradição disse que a mulher de Pilatos, que enviou a mensagem a seu marido para impedir a condenação do Salvador, chamou-se Procula e que ela era prosélita ao judaísmo. Ela é uma das «santas» da Igreja Ortodoxa Grega.

Depois de dez anos como procurador, foi chamado por César a Roma, sendo acusado pelos Judeus de crueldade foi banido pelo imperador ao sul da França. A tradição diz que êle suicidou-se em Monte Pilatos na Suiça. Temos subido esta montanha mas não encontramos o lugar exato! Achamos que é muito incerto e distante para Pilatos ter terminado sua vida ali!

—

Estudo sobre 1 Coríntios

Capítulo 11

A primeira parte do capítulo onze contém instruções para serem observadas durante reuniões dos cristãos. Diz que os homens devem descobrir suas cabeças e as mulheres devem cobri-las. A palavra traduzida «véu» é cobertura, e pode ser chapéu, véu ou qualquer pano. «Profetizar» significa ministrar a Palavra de Deus, e tem cabimento quando há outros presentes. No tempo do Apóstolo, como hoje em dia, havia vários tipos de reuniões. Na segunda parte dêste

capítulo (e continuado em capítulo 14) aprendemos que certas reuniões eram de natureza eclesiástica, ou «em eclesia», quando a igreja tôda se reunia. Isto é indicado pelas frases «portanto vos ajuntais» (V. 17), «quando vos ajuntais na igreja» (v. 18), «quando vos ajuntais para comer» (a Santa Ceia, v. 33). O mesmo assunto é continuado em capítulo 14, e capítulos 12 e 13 são parenteses.

O mandamento divino acerca da cobertura tem sido sempre obedecido pelos homens e o era também pelas mulheres até recentes anos. O mandamento de Deus é tão claro como a luz. Versículo 5 diz: «Tôda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, deshonra a sua própria cabeça». Versículo 13 diz: «é decente que a mulher ore a Deus descoberta?» O cabelo da mulher é uma cobertura que Deus lhe deu em lugar de ter a vergonha mencionada em vers. 5. Como pode a cobertura que a mulher tem de usar durante oração (v. 6) referir-se a seu próprio cabelo? O Apóstolo não teria escrito êste capítulo, se a cobertura necessária era sómente seu cabelo! Seria absurdo aconselhar mulheres cobrir sua cabeça com seu próprio cabelo durante as reuniões. Como pode um homem dispensar seu cabelo durante a oração? (7)

Alguns confundem as instruções nesta parte do capítulo com a segunda parte, como se fosse uma contradição na Palavra de Deus. Na primeira parte a sugestão é que as irmãs profetizam. Em capítulo 14: 34,35 e em 1 Tim. 2,11 a 14 é expressamente proibido que uma irmã fale nas reuniões da igreja, pois é «o mandamento do Senhor». (1 Cor. 14:37) Hoje seria considerado um escândalo se um jovem com chapéu na cabeça orasse ou dirigisse em estudo bíblico numa reunião da mocidade, mas não

é considerado assim se uma jovem irmã transgride o mandamento divino! Uma irmã que deseja ter o poder do Espírito em seu serviço não deve desobedecer a um mandamento escrito pelo mesmo Espírito. Será que sómente na Igreja Católica esta instrução é obedecida? Os padres reconhecem o mandamento, mas alguns ensinadores protestantes inventam razões por que as irmãs desobedecem à Escritura.

Em versículo 17 o Apóstolo passa para outro assunto, isto é, as reuniões da Igreja, começando com a Santa Ceia, porque é a reunião central e expressão da comunhão da Igreja.

Era costume dos cristãos reunirem-se no primeiro dia da semana para uma «festa de amor», chamada «agape». Traziam sua comida para tomar juntos, antes da Santa Ceia. O Apóstolo repreende os Coríntios porque, em vez de fazê-la uma festa de amor e comunhão, os pobres e escravos sofriam fome, enquanto os ricos comiam e bebiam demais.

Então o Apóstolo conta como ele recebera instrução diretamente do Senhor como a Santa Ceia deve ser celebrada. Versículos 23 e 24 contêm tôda a instrução de que precisamos. Cada detalhe é importante. É importante, também, o que é omitido. Os homens têm aumentado muitas regras e ritual. A Igreja Romana mudou o rito para ser um «sacrifício» que sómente um sacerdote pode oferecer. Nas igrejas protestantes existe a regra que sómente certos homens «ordenados» podem administrar a cerimônia. A Escritura, porém, não diz nada destas regras. Milhões de crentes têm sido privados, durante anos das suas vidas, do privilégio, devido a esta regra humana (ou deshumana).

A Santa Ceia tem um lado espiri-

tual, as ações de graças e o lado material, os símbolos, o pão e o calix. São integralmente ligados e não devem ser separados.

O capítulo então ensina que a Santa Ceia é um incentivo à santidade na vida do participante. Primeiramente, antes de participar, ele deve julgar tudo na vida e espírito que não seja de acordo com o santo rito. Também, depois de tomar a Ceia, sua vida tem de ser governada pelo fato que é participante da «Mesa do Senhor» e do cálix, que simboliza o sangue do Salvador.

Os Coríntios participavam da Santa Ceia e também frequentavam os templos de ídolos e lugares mundanos, como resultado que o Senhor castigou a Igreja em Corinto com doenças e até a morte de alguns. Vers. 30 é referência à lição em capítulo 10, como os Israelitas, devido à sua conduta, cairam no deserto.

Palavras do sr. C.H. Spurgeon aos seus estudantes

Chamaram o Mestre da Casa de «Beelzebub», mas será que devem chamar-vos «O Reverendo»? Eles riram-se e zombaram d'Ele, mas será que vós deveis ser honrados? C.H.S.

As Escrituras Sagradas

E' de esperar que os críticos da Bíblia continuem suas críticas da Palavra de Deus. O que é mais censurável é que suas críticas sejam publicadas em periódicos evangélicos. Ainda mais repreensível é o fato que «evangélicos» elogiam os escritos dos críticos da Bíblia.

Nossa atenção foi chamado a um comentário sobre dois livros escritos por Sr. Parrot, um escritor francês, tratando dos assuntos do Dilúvio e

da Tôrre de Babel. O comentarista, Sr. Jorge César Mota, evidentemente aceita os pareceres de Sr. Parrot como sendo mais certo do que a Palavra de Deus. Ele, também, sugere que mudemos nossa opinião quanto à razão dada em Gênesis por que o povo cessou de construir a Tôrre de Babel. Seu comentário diz: «Se a interpretação do significado da torre for essa, e a argumentação de Parrot é bastante convincente, então o teólogo e exegeta terá de re-estudar a passagem para interpretar o sentido dos motivos por que Deus resolveu destruir a cidade e a torre que os homens haviam edificado em Babel.»

Nossa Comentária

No primeiro lugar a Bíblia não diz que Deus destruiu a Tôrre de Babel. Ela tem existido desde o dia em que foi abandonada pelo povo, até o dia de hoje. E' chamado agora «Birs Nimrod», que significava a «Tôrre de Nimrod». O historiador grego Heródito, 500 anos antes de Cristo, examinou a torre. Dois séculos mais tarde, Alexandre Magno, mandou milhares de seus soldados tirar a terra que acumulara em redor da torre, para examiná-la. Há 800 anos um viajante visitou o lugar e achou que a torre tinha 220 metros de altura. Hoje tem sómente 100 metros. E' construída de tijolos bem queimados e ligados com betume, como é descrita em Gênesis 11:3. Preferimos acreditar na razão que Deus nos deu em Sua Palavra para o povo ter abandonado o trabalho, em vez de aceitar a razão fornecida por Sr. Parrot.

Segundo o comentarista, Sr. Parrot repete, como se fosse fato, a fábula absurda, inventada pelos modernistas, há anos, que os livros de Moisés foram escritos oito séculos antes de

Cristo, o que quer dizer, 600 anos depois da vida do grande legislador! Preferimos acreditar nas palavras de nosso Senhor Jesus, que diz que foi o mesmo Moisés que escreveu os livros de Moisés. Os modernistas parecem tão anciosos para desacreditar a Bíblia, que se esquecem de ter sempre em vista a probabilidade. Os peritos sobre as línguas das Escrituras Sagradas nos informam acerca das diferenças que há entre o estilo do hebraico dos diversos escritores, como Moisés, David, os profetas e, especialmente depois do cativeiro, quando foram introduzidas no hebraico dos Judeus, frases caldéicas, provando como impossíveis são as ideias dos modernistas em mudarem o período dos livros. Por exemplo, eles nos asseguram que o livro de Deuteronômio, embora escrito no estilo de Moisés, foi escrito no tempo de Esdras, cujo livro é cheio de palavras e frases caldéicas.

A Bíblia e a Pá

Damos em seguida uns excertos do artigo «A BÍBLIA E A PÁ» escrito por Dr. D. J. Wiseman, um celebre arqueólogo que tem feito escavações em Assíria e decifrou muitos dos antigos escritos das pedras em Caldéia.

Dr. Wiseman diz: «Desde a guerra, escritos têm sido publicados que mostram os costumes que prevaleceram na Mesopotamia quinze séculos antes de Cristo, e podemos comparar estes com a narrativa de Abraão (1.700. A.C.) e seus sucessores (Genesis 12 a 25). Há indicações de que os costumes deste período ficaram sem modificação desde os séculos anteriores, mas tornaram-se obsoletos na Palestina pelo tempo de David (A.C. 1000). A impossibilidade dum escritor de tempos mais recentes descrever corretamente os detalhes dos

tempos dos Patriarcas tem ensinado muitos estudantes a ter respeito para as histórias bíblicas dos primeiros tempos (Genesis) (Nota do redator: Não é o caso de alguns evidentemente como Sr. Parrot que repetem as idéias inventadas no princípio do século). Dr. Wiseman dá exemplos dos costumes do tempo de Abraão e como correspondem com os escritos registrados nas antigas pedras que foram gravadas nos tempos dos Patriarcas. Ele acrescenta: «Numa comparação interessante dos detalhes em Genesis 23, com a lei dos Heteos (filhos de Heth), Dr Lehman (outro arqueólogo) mostrou que o negócio da compra da cova de Macfela tem todos os característicos dum trato dum a venda daquele período, exigindo que fôssem mencionados tais detalhes como o número de árvores na propriedade. Ele disse: «temos achado que Genesis 23 é permeado de conhecimento íntimo dos detalhes das leis e costumes dos Heteos e corresponde ao tempo de Abraão segundo a história da Bíblia. Com a destruição final da cidade, capital dos Heteos, cerca de A. C. 1200, estas leis cairam em esquecimento. Isto é outro fato, monstrando que devemos rejeitar a teoria do adiamento dos escritos de Genesis».

Nota do redator. Sr. Parrot diz que o século oito é a data «do registro bíblico de Genesis». Preferimos Wiseman antes de Parrot. Em português o nome Wiseman traduzido é «Homem Sábio». A tradução do nome Parrot é «Papagaio». Não é costume traduzir nomes assim mas é interessante, porque o «Homem Sábio» confirma a Palavra de Deus, mas o «Papagaio» repete as velhas críticas da Bíblia muitas vezes repetidas. Já temos dito e repetimos: os inimigos dos modernistas e dos criticos da Bíblia, são os arqueólogos

porque desmangkan as teorias e teologia modernas pelas suas picaretas e pás.

Correspondência

Citamos uma carta que escrevemos a um leitor, em resposta a uma pergunta acerca das palavras de Jesus na cruz: «Hoje estarás comigo no Paraíso, Lucas 23:43).

O Senhor empregou palavras que o ladrão, sendo Judeu, podia compreender. Se tivesse dito «Hoje estarás comigo no céu» não seria entendido tão facilmente, porque o Velho Testamento ensina pouco acerca da vida futura no céu».

As palavras «A Casa de Meu Pai» foram faladas sómente aos discípulos (João 14) e ainda é um aspecto futuro. A palavra «Paraíso» daria o pensamento de felicidade celeste. O Senhor sempre empregava palavras, frases e ilustrações que seus ouvintes podiam compreender. Evidentemente Cristo foi ao Paraíso, isto é, o céu, durante o tempo em que seu corpo estava na sepultura. Mas há uma grande dificuldade, se aceitamos as idéias dos teólogos acerca da palavra «Hades». Atos 2:27 e 31 referem-se ao fato que Jesus ficou no hades e Lucas 16 diz que o homem rico foi ao hades. Dizem os teólogos que o hades é lugar aonde vão os espíritos dos mortos. O ensino da Igreja Anglicana, por exemplo, é que Cristo desceu ao hades para pregar aos espíritos dos defuntos durante os «Três Dias». As dificuldades são (1) como pode Seu espírito humano estar no Paraíso e ao mesmo tempo num lugar chamado hades? (2) como pode hades ser um lugar de desespero e ao mesmo tempo um lugar de felicidade? Estas dificuldades estão com os teólogos, mas não na Bíblia. Desaparecem quando entendemos que o hades não é um lugar, mas é a con-

dição do espírito separado do corpo, mesmo como a morte é a condição do corpo separado do espírito. O corpo morto está em algum lugar, ou na sepultura ou no fundo do mar, mas a morte não é um lugar e sim uma condição. Mesmo, o espírito deve estar num lugar, ou no céu ou num lugar de desespero, mas a condição é hades.

Lemos em Mat. 16:18 que as portas de hades (erradamente traduzida «inferno») não prevalecerão contra a Igreja, mas tal expressão quer dizer que a morte não acaba com a Igreja. No Apocalipse, também, lemos «a morte e o hades (erradamente traduzido «inferno») foram lançados no «Lago de Fogo». São postos juntos como duas condições, e quer dizer: a separação do espírito e do corpo não será mais possível, pois «o lago do fogo» representa o lugar e condição final dos perdidos.

Quanto ao lugar para onde vão os salvos dêste tempo, temos sómente a promessa de «estarem com Cristo». Seus espíritos devem estar no céu, porque Ele foi para lá. Sómente depois da ressurreição os crentes entrão na «Casa do Pai», pois será o estado final com o espírito, alma e corpo, reunidos e perfeitos. O Senhor ensinou êste fato em João 14, dizendo: «virei outra vez e vos levarrei por Mim mesmo, para que onde eu estiver, estejais vós também (João 14:3). Cristo explicou (v. 2) que «o lugar» é a «Casa do Pai». Sabemos que, quando o Senhor vier «outra vez», será para chamar os crentes mortos e vivos e lhes dará um corpo glorificado. A Presença de Cristo é frisada, e não a glória ou um paraíso. A CASA DO PAI é o aspecto final e eterno dos filhos de Deus,

Recentemente recebemos a seguinte carta dum leitor:

«Lastimo o cancelamento de seu assunto sobre Batismo em «Mocidade

Cristã», pois o tenho apreciado e tenho aprendido muito. Seria um prazer se o irmão pudesse continuar. Pelo menos espero ver sempre algum ensino como no último número de «Mocidade Cristã». De acordo com Romanos 6 e com o «Pequeno Dicionário Bíblico» aspersão não é batismo. Isto tem sido a minha conclusão, pois ali mostra-se o símbolo de morte, sepultamento e ressurreição, e não se pode mostrar o símbolo despejando um pouco de água na cabeça do candidato. E' aspersão batismo?»

Pergunta: É aspersão batismo?

Resposta: Devido ao fato que a última pergunta tem sido feita por outros leitores e ainda não a temos respondido, será bom fazê-lo agora, embora desejamos terminar com o assunto por enquanto.

A palavra grega por aspersão no Novo Testamento é «rhantizo», e se encontra nos seguintes versículos na epístola aos Hebreus, 9:13,9:19,9:21 e 10:22 (convém lê-los). A palavra grega por batizar é «baptizo» e tem sido adaptada ou «aportuguezada»: batizar. Em Hebreus 9:10 é empregada em referências aos banhos do corpo no Velho Testamento («abluições») e em contraste com a aspersão do versículo 13 do mesmo capítulo. Dizemos que isto é a etimologia da palavra (origem). No Novo Testamento o sentido etimológico e prático era o mesmo. Mas o sentido duma palavra, às vezes, muda com seu uso. Se um Judeu do tempo do Novo Testamento pudesse ressuscitar e ouvir alguém hoje chamar aspersão «batismo» ficaria admirado com a nossa ignorância. Mas hoje no cristianismo a palavra «batismo» é empregada por qualquer forma do rito inicial. Devemos conformar nossa linguagem para sermos entendidos. Por exemplo: numa reunião ao ar livre, sendo necessário anunciar uma reunião para crentes,

não convém dizer é sómente para «santos», embora, segundo a Bíblia, refere-se à mesma gente. Os católicos são capazes de se espantarem, pensando que haveria comunicações com os mortos, porque a Igreja Católica reconhece sómente santos defuntos.

A questão de mais importância é: «devemos considerar aspersão um rito válido mesmo como imersão?». Nossa resposta é: «de dois males escolha o menor». As consequências de tratar o rito de aspersão como inválido são funestas. Não estamos preparados para excomungar milhares de crentes dedicados, meramente porque foram aspergidos, em vez de serem mergulhados. Seria necessário, ao contrário, tratar milhares de crentes dedicados entre as congregações anglicanas ou presbiterianas, e milhares de chinês, índios, africanos convertidos ao custo de suor e sangue dos missionários, como sendo fora da comunidade cristã! Citamos um caso entre milhares semelhantes. Conhecíamos um nativo da Índia, outrora maometano, que se converteu na Índia. Nem os missionários, nem os maometanos teriam reconhecido o homem como cristão antes de ser batizado. Seus parentes ameaçaram matá-lo se fôsse batizado. Mas com coragem, ele pediu ao missionário administrar o rito. Foi feito na casa do missionário, por aspersão, com uma vasta multidão de maometanos fanáticos fora da casa, querendo matá-lo. Depois do batismo foi escondido e escapou com a vida. Há, por venatura, imersionistas que se atrevam a declarar que este batismo não era válido? Aos olhos dos maometanos foi batismo, e com certeza. Deus reconheceu a fé e coragem desse crente.

Devemos evitar fanatismo e intolerância. Concordamos com nosso correspondente que a lição que o ba-

tismo deve ensinar ao candidato é perdida sem imersão, e naturalmente um aspersionista não pode usar o rito para ensinar a verdade de Romanos 6.

Aconselhamos aos irmãos que não convém discutir este assunto com irmãos mais velhos que não querem ser convencidos. Há agora mais obras nacionais publicadas, que explicam o modo usado pela igreja primitiva e, em poucos anos, hão de desaparecer os vários tratados que «provam» à satisfação dos seus escritores e de alguns dos seus leitores, que aspersão é bíblica e o modo da igreja primitiva.

Os Rolos da Mar Morto

Em 1947, perto do Mar Morto na Palestina, um menino beduíno procurava um cabrito perdido e descobriu uma cova. Atirou pedras para dentro e ouviu o som como o quebrar de louça. Com um companheiro entrou na caverna e acharam muitos vasos e jarros de barro. Dentro destes descobriram rolos de linho amarrados, contendo escritos. Levaram estes a Belém para vender. Em 1948 foram enviados a Dr. Trever em Jerusalém e um rolo foi identificado como o livro do profeta Isaías, escrito numa forma antiga do original hebraico. Fotografias foram tiradas e foi confirmado que eram manuscritos feitos mais de cem anos antes de Cristo. Era da mesma forma e escrito como o livro ou rolo que o eunuco da Etiópia levava quando Filipe explicou-lhe a Escritura em seu carro. Outras obras foram descobertas na caverna, algumas desconhecidas e partes de outros livros do Velho Testamento. Um dos rolos refere-se a outras bibliotecas escondidas entre Hebron e Gerezim («este monte» de João 4:20). Os arqueólogos esperam descobrir mais rolos ainda.

O Livro de Jonas

Jonas é um caráter histórico (2 Reis 14:25). Era profeta no tempo do rei Jeroboam II. Este livro não é romance, alegoria, ficção, profecia nem parábola, mas história.

Fora da Bíblia, não lemos da visita de Jonas a Ninive. O Nosso Senhor trata do livro como história verídica. Os três dias de Jonas no grande peixe são ilustração do sepultamento e ressurreição de Cristo. O arrependimento de Ninive é um contraste com a atitude dos Judeus no tempo do Senhor. O valor moral e espiritual deste livro é grande. Afirma o cuidado que Deus tem por todos os homens, judeus e gentios, e ilustra a operação da Providência nos negócios dos homens. Mostra a estreita insularidade dos Judeus. Demonstra o efeito do arrependimento.

Dr. Graham Scroggie

Música: C. C. 549

1. Avante moços crentes!
Sois servos do Senhor;
Lutai por Sua causa
Com zelo e com amor.
2. Avante mocidade!
Com fé no Salvador
Rompei qualquer dos laços
Que arruina um pecador

CORO: Lutai — irmãos!
Com fé no Salvador.

David Rodrigues (Guararema)

Leitores que desejam continuar a receber «Mocidade Cristã» devem ler o «AVISO» no Noticiário deste número.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.